

# Sujeito nulo na aquisição do português do Brasil: resultados quantitativos de um estudo de caso<sup>1</sup>

LUCIENE JULIANO SIMÕES  
UFRGS<sup>2</sup>

---

## INTRODUÇÃO

Este estudo concentra-se nos percentuais de omissão de sujeito na fala de uma criança monolíngüe, adquirindo o português do Brasil. A discussão da produção da criança estará inserida no debate sobre aquisição da sintaxe que toma como quadro teórico as hipóteses da Teoria dos Princípios e Parâmetros (TPP). Faremos um breve resumo da literatura relevante para a discussão dos dados obtidos, tanto no que toca às propriedades da gramática cuja aquisição é aqui focalizada, quanto no que concerne aos estudos de aquisição já realizados acerca do problema. Em seguida, apresentaremos os resultados quantitativos obtidos na investigação, argumentando que tais resultados atestam que já aos dois anos e quatro meses a produção da criança é semelhante à do adulto em termos das restrições que apresenta, sendo, ao mesmo tempo, comparável à produção de crianças adquirindo línguas que não contam com a opção do sujeito nulo em sua gramática.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho apresenta alguns dos resultados de minha tese de doutorado, realizado na PUCRS. O doutoramento foi realizado com apoio financeiro da CAPES.

<sup>2</sup> E-mail: lucisim@portoweb.com.br

O Parâmetro do Sujeito Nulo

A investigação parte do pressuposto de que a alternância, nas frases finitas, entre o aparecimento de um elemento na posição sujeito, como ocorre no exemplo (1a) a seguir, e sua omissão, como em (1b), reflete a possibilidade, verificável em diversas línguas, de preencher o sujeito através um elemento foneticamente manifesto ou através de uma categoria vazia. Assim, nos exemplos em (1), retirados do *corpus* infantil aqui analisado, temos a posição sujeito preenchida em ambos os enunciados; em (1a), pelo sujeito manifesto; em (1b) por uma categoria vazia, ou por sujeito nulo.

- (1) a. Eu vou arrumar, eu vou arrumar, aqui que eu vou arrumar.  
 b. Não tô ouvindo.

Segundo a TPP, tal alternância está relacionada a um parâmetro sintático, o parâmetro do sujeito nulo. Os parâmetros regem as possíveis áreas de variância entre as línguas. Desse modo, segundo o modelo aqui adotado, as línguas do mundo são altamente uniformes no que toca à sua sintaxe em virtude do fato de a sintaxe ser regida por princípios universais e inatos. Os aspectos em que há variação de uma língua para outra estarão também previstos pela capacidade lingüística inata na forma de um número fixo de valores para um conjunto de parâmetros (acredita-se que dois possíveis valores para um parâmetro dado). O conjunto de princípios e parâmetros da sintaxe compõe a gramática universal (GU), a qual representa o conhecimento inato, anterior à experiência, que o ser humano tem acerca do que possa ser uma língua humana. Dessa forma, a GU restringe a aquisição da linguagem, que, no que concerne à sintaxe, é vista como um processo de maturação de princípios e de fixação dos parâmetros no valor exibido pela língua do ambiente do aprendiz. (cf. Chomsky, 1986; para uma apresentação panorâmica dos resultados da pesquisa em aquisição realizada dentro desse quadro, ver Atkinson, 1992).

O parâmetro cuja aquisição é observada aqui foi formulado por Rizzi (1986, 1993) da seguinte forma:

- (2) Teoria de *pro* (Parâmetro do Sujeito Nulo)  
 A. Licenciamento formal  
*pro* é licenciado por X<sup>0</sup> sob concordância ou regência  
 B. Identificação  
*pro* herda traços do X<sup>0</sup> que o licencia

Essa formulação propõe que o parâmetro do sujeito nulo envolverá uma escolha binária entre dois valores para as duas condições acima, licenciamento e identificação.

Línguas de sujeito nulo típicas, como o italiano e o português europeu, terão valor positivo para as duas condições e poderão preencher seus sujeitos em frases finitas através da categoria vazia *pro*, licenciado e identificado localmente pela concordância verbal morfológica rica. Tal fixação para o parâmetro reflete-se numa distribuição livre de sujeitos nulos na língua – sujeitos temáticos e referenciais (como (3a), em italiano, e (4a) em português europeu (PE)) ou expletivos (como (3b) e (4b)) poderão ser nulos em diferentes tipos de sentença. Essa liberdade em termos sintáticos, qualitativos, redundante em percentuais altos de sujeito nulo em tais línguas, já que o aparecimento de um pronome foneticamente manifesto será restrito e exigido por fatores discursivos em contextos bastante específicos.

Línguas sem sujeito nulo terão valor negativo para ambas as condições. Elas não poderão preencher a posição sujeito de frases finitas por nenhum tipo categoria vazia (salvo, evidentemente, estruturas de extração do sujeito e estruturas universais de elipse de sujeito, como a coordenação entre orações<sup>1</sup>). Em línguas desse tipo, como o francês e o inglês, tanto sujeitos temáticos e referenciais, quanto expletivos serão preenchidos por elementos foneticamente realizados (exemplos do inglês em (5)).

- (3) a. Mangia una mela.  
 (come uma maçã)  
 b. Piove.  
 (chove)  
 (4) a. Onde estiveste ontem à noite?  
 b. Chove.  
 (5) a. \*Left yesterday night. / He left yesterday night.  
 (saiu ontem) (ele saiu ontem)  
 b. \*Is Raining. / It is raining.  
 (está chovendo)

Há ainda línguas em que apenas a condição de licenciamento é fixada no valor positivo. Nesse caso, temos sujeitos nulos apenas em contextos nos quais o sujeito não seja temático e referencial, dispensando traços que o identifiquem semanticamente. Também

<sup>1</sup> Para a discussão de alguns contextos pragmáticos em que tal restrição é relaxada ver Haegeman (1990).

haverá línguas nas quais outra categoria vazia poderá aparecer na posição sujeito, nesse caso identificada através de outro mecanismo sintático não-local e distinto da herança dos traços do núcleo licenciador. Esse tipo de fixação geralmente verifica-se em línguas cujos traços da concordância não incluem o traço [pessoa], estando impedida de identificar semanticamente o *pro* na posição sujeito, ou seja, em línguas cuja concordância não é suficientemente rica. Nelas, a distribuição dos sujeitos nulos será mais restrita, tanto sintaticamente, quanto quantitativamente (estando presente em percentuais mais baixos do que aqueles de línguas ditas “de sujeito nulo típicas”). O primeiro caso está exemplificado em (6), do italiano de Pádua. Neles, vemos que apenas um sujeito nulo expletivo é possível. Nas frases em (7), vemos que o alemão exibe sujeito nulo, porém de maneira atípica, já que está restrito a contextos em que o sujeito é topicalizado e aparece na primeira posição da oração (estando excluído em qualquer contexto em que outro elemento, como um completizador ou uma palavra-QU, apareçam na posição mais alta da oração).

- (6) a. Piove.  
(*chove*)  
b. \*Vien./Il vien.  
(*vem*) (*ele vem*)
- (7) a. *cv* Habe es gestern gekauft.  
(*cv tenho o ontem comprado*  
*cv Comprei-o ontem*)  
b. \*Wann hat *cv* angerufen?  
(*quem tem cv telefonado*  
*Quando cv telefonou?*)

Segundo Figueiredo Silva (1996), o português do Brasil (PB) é uma língua do terceiro tipo, ou seja, uma língua de sujeito nulo atípica. Tal estatuto do PB deve-se a uma mudança paramétrica que se operou ao longo do último século em nossa língua falada, distanciando sua sintaxe daquela do português europeu. A perda do traço [pessoa] na concordância, hoje bastante simplificada em termos das distinções morfológicas presentes no verbo, acarretou uma perda na capacidade desse núcleo para identificar a categoria *pro* localmente. Segundo a análise referida, o português do Brasil hoje só pode preencher livremente seus sujeitos através dessa categoria em contextos não-referenciais (expletivos ou, em caso de sujeitos temáticos, apenas com interpretação genérica). Nos casos de nulos referenciais, haverá fortes restrições sintáticas para seu

aparecimento, devido a uma necessidade de a categoria vazia buscar identificação através de algum tipo de ligação com o sistema CP. Essa ligação com CP impedirá a presença de nulos em diversos contextos encaixados e em contextos matriz no quais CP esteja preenchido por outros elementos, como nos casos de extração ou topicalização. Os dados relevantes para uma tal análise do PB são aqueles apresentados em (8)-(12) abaixo.

- (8) a. Choveu a noite inteira.  
b. \*Isso choveu a noite inteira.
- (9) (Que que tu fez ontem?)  
a. Fui ao cinema.
- (10) a. Ela não usa mais chapéu.  
b. \*Não usa mais chapéu. (com significado idêntico a (10a))  
c. Não usa mais chapéu. (significando *Não se usa mais chapéu.*)
- (11) a. Comprei um chapéu ontem.  
b. \*O que comprei *cv* ontem?  
c. Eu, o que comprei ontem?  
d. \*Onde é que foi ontem?  
e. Onde é que tu foi ontem?
- (12) a. O João vai trazer a salada.  
Não, O VINHO ele vai trazer.  
b. O João vai trazer a salada.  
\*Não, O VINHO *cv* vai trazer.

Nos exemplos em (8), evidencia-se que os sujeitos expletivos em PB não apenas podem como devem ser expressos na forma de um nulo. Em (9) e (10), vemos que no caso de sujeitos referenciais, eles poderão ser nulos desde que se cumpram duas condições – eles estejam em frase matriz cujo CP não se encontra preenchido e possam encontrar seu antecedente no contexto pragmático imediato. Vemos em (10) que, caso a segunda condição não seja satisfeita, apenas a interpretação genérica será possível. Por fim, e crucialmente, em (11) e (12), vemos que quando CP encontra-se preenchido, o sujeito nulo referencial passa a ser agramatical, a não ser que seja correferencial com um tópico em CP.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Cf. exemplo (4), cujo uso gramatical de sujeito nulo está em contraste com sua agramaticalidade aqui.

<sup>6</sup> Alguns dos exemplos são de Figueiredo Silva (1996). Remetemos o leitor a esse trabalho para detalhes da análise aqui adotada, bem como para a discussão de nulos em frases encaixadas no PB, pontos que nos desviariam excessivamente de nossos objetivos.

A análise de Figueiredo Silva está em consonância com os dados obtidos pela pesquisa variacionista acerca do português do Brasil. Duarte (1995) atesta que os percentuais de sujeito nulo em PB são significativamente mais baixos do que aqueles do português europeu, estes últimos comparáveis aos números do português falado no Brasil no século passado (ver gráfico 1 a seguir; os números de nulos no PB eram de 80% em 1882, cf. Duarte (1993)). Além disso, num exame comparativo do número de nulos em contextos matriz sem preenchimento de [Spec, CP] com frases matriz em que tal posição se encontra preenchida e com frases encaixadas em que o núcleo C<sup>o</sup> está preenchido, a autora obtém um resultado esperado considerando a análise aqui adotada – os nulos são mais livres em contextos que não envolvem a presença de elementos em CP (ver gráfico 2).

Gráfico 1  
Ocorrência de sujeito nulo nas três pessoas do singular

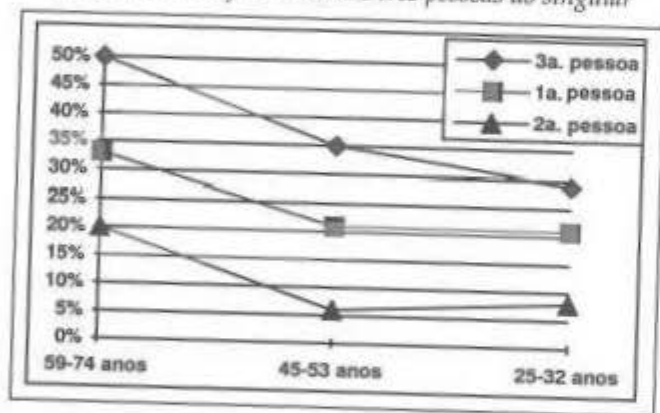
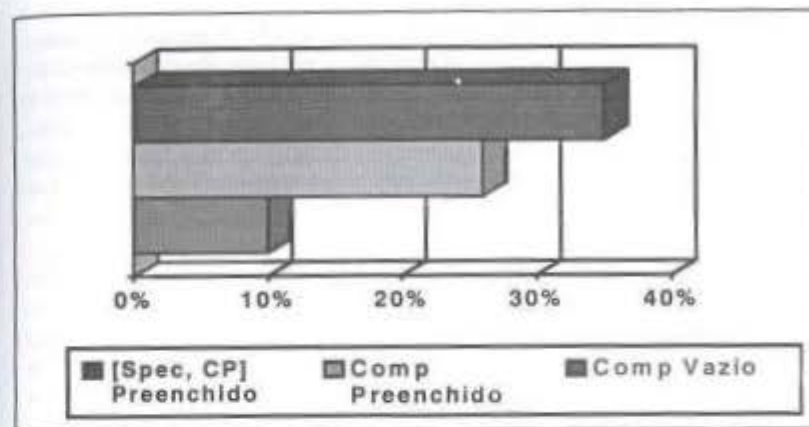


Gráfico 2  
Sujeitos nulos de acordo com a idade e a pessoa gramatical



### Sujeito nulo na aquisição da linguagem

Desde o trabalho seminal de Hyams (1986), o uso de argumentos nulos por crianças adquirindo diferentes línguas vem sendo discutido. Nesse estudo, a autora procura mostrar a operação da noção de parâmetro no desenvolvimento da linguagem. Hyams produz uma análise que explica modificações no comportamento verbal da criança através de uma mudança no valor do parâmetro do sujeito nulo. O exame qualitativo da produção de crianças adquirindo o inglês demonstra, segundo análise da autora, que a criança começa com uma gramática de sujeito nulo. Tal marcação do parâmetro explica o aparecimento de sujeitos vazios, a inexistência de expletivos e a incapacidade de a criança analisar auxiliares e modais. Com base em evidência positiva, a criança abandona essa fixação inicial do parâmetro em favor do valor adulto. Em consequência, numa mesma fase de desenvolvimento, a produção infantil apresenta mudanças aparentemente dispare. Ela passa a preencher foneticamente a posição sujeito, a usar expletivos, auxiliares e modais. Com vistas à confirmação dessa hipótese, Hyams examina também dados de outras línguas e estabelece um contraste entre línguas que têm e que não têm sujeito nulo também no que concerne a seu desenvolvimento. De um lado, crianças americanas e alemãs passam por estágios evolutivos no tocante a esse problema. De outro, crianças italianas não demonstram mudanças

ao longo do desenvolvimento. Já de início, crianças adquirindo línguas de sujeito nulo omitem sujeitos e usam modais e auxiliares. Tal aspecto de sua produção não sofre alterações ao longo do desenvolvimento.

Em resposta a essa análise de Hyams, ainda dentro do quadro da sintaxe gerativa, surgem inúmeras reanálises do mesmo problema empírico, dentre as quais podemos citar Radford (1990) e Rizzi (1992). Nelas, o problema da manifestação fonética do sujeito sintático e sua relação com a gramática da criança em determinado estágio continua sendo o foco da discussão, porém são dadas explicações concorrentes, relativas à aquisição das categorias funcionais.

Partindo do pressuposto de que o uso de nulos no inglês infantil não se deve à operação de uma gramática intermediária, mas sim a fatores de desempenho, P. Bloom (1990) e Valian (1991) colocam em cheque a validade do conjunto de hipóteses acima referido. Os dois autores acreditam que a afirmação de que a omissão de sujeito é um dos principais traços da fala inicial de crianças adquirindo o inglês não pode ser feita sem que se realizem análises quantitativas dos dados. A fim de confirmar a validade empírica das duas posições concorrentes, Valian realiza um estudo quantitativo contemplando as predições tanto da hipótese de que a omissão do sujeito advém de uma gramática intermediária, quanto daquela que vê na dificuldade de desempenho a motivação do fenômeno.

Seu estudo parte de dados coletados através de cortes transversais, englobando crianças americanas entre 1;10 e 2;8, totalizando 21 informantes. Os dados obtidos para o inglês são comparados àqueles obtidos em exames também quantitativos referentes à produção oral de crianças italianas cujo estágio de desenvolvimento linguístico é comparável àquele de crianças americanas (em termos da proporção de verbos nos enunciados presentes na produção das crianças das duas línguas). O resultado mais significativo de Valian está exatamente nessa comparação. As crianças italianas apresentam percentuais mais altos de sujeitos nulos do que as americanas. Além disso, dentro do universo de sujeitos manifestos, as crianças italianas usam muito menos pronomes do que as americanas. Esses dados apontam que, ainda que o uso de nulos pela criança americana deva encontrar explicação, a hipótese de que as gramáticas do italiano e do inglês infantis sejam semelhantes não se confirma.

As diferenças percentuais entre o inglês e o italiano infantis encontradas por Valian são reinterpretadas em Rizzi (1992), nesse caso, contudo, supondo que tais diferenças refletem gramáticas

subjacentes distintas. Segundo Rizzi, os percentuais de nulos das crianças italianas devem-se ao fato de sua gramática ser já semelhante à do adulto e contar com um *pro* livre em sua distribuição como sujeito nulo. Em contrapartida, na gramática do inglês infantil, o sujeito nulo seria uma constante nula, categoria também presente no alemão (cf. exemplo (7)). Ou seja, o sujeito nulo infantil só pode ocorrer na posição mais alta da sentença, sofrendo interferências do sistema CP. Rizzi adiciona contagens para dados do inglês inicial nas quais se evidencia claramente essa interferência; os nulos do inglês inicial restringem-se a contextos matriz.

Para o autor, a mudança que leva os percentuais de nulos em crianças adquirindo o inglês a restringirem-se num certo ponto do desenvolvimento é a aquisição da obrigatoriedade de projeção do nóculo CP no domínio de uma proposição, projeção esta que seria opcional nas fases iniciais do desenvolvimento. Assim, segundo Rizzi, o inglês inicial é uma gramática de sujeito nulo, digamos, atípica, enquanto o italiano inicial tem sujeito nulo típico.

## METODOLOGIA

Os dados obtidos nesta investigação dizem respeito à produção oral espontânea de André, menino monolíngüe, adquirindo o português do Brasil, observado entre as idades de 2;4:14 e 3;0:30. A coleta foi realizada na casa da criança em sessões quinzenais durante as quais o menino brincava com um adulto e a pesquisadora. Os dados foram gravados em áudio e posteriormente transcritos ortograficamente na íntegra pela própria pesquisadora. Os dados analisados dizem respeito às sessões listadas na Tabela 1. A tabela apresenta o nome da sessão de coleta, a idade do menino na sessão correspondente e duas medidas quantitativas através das quais se estabeleceram comparações entre André e crianças adquirindo outras línguas no que toca a seu uso de sujeitos nulos.

A contagem dos tipos de sujeito foi feita a partir de critérios que permitissem a comparação dos números obtidos com aqueles disponíveis na literatura relevante. Dado que os critérios utilizados para as contagens nos trabalhos de Duarte (1993, 1995) sobre o português adulto e aqueles utilizados por pesquisadores em aquisição da linguagem foram diferentes, realizamos diferentes rodadas a fim de poder comparar a produção de André tanto com a de crianças adquirindo outras línguas, quanto com a de adultos falantes do português do Brasil.

Os números que compõem os gráficos comparativos entre crianças adquirindo outras línguas e os dados de André foram

obtidos a partir do universo total de enunciados válidos com verbo finito, excluindo os imperativos e as respostas a perguntas *sim/não*. Assim, nessas contagens, os percentuais de nulos são relativos a um universo que inclui diversos tipos de sujeito. Os números que compõem os gráficos em que os dados de André aparecem isoladamente foram obtidos a partir dos mesmos critérios de Duarte (1995). Os percentuais de nulos dizem respeito apenas ao universo de sujeitos pronominais. Ou seja, nesse caso, estão excluídos sujeitos que sejam sintagmas nominais plenos como *Mamãe, o bichinho*, etc. As porcentagens são de pronomes nulos e o número complementar corresponde ao uso de pronomes manifestos.

Tabela 1  
Medidas quantitativas da sintaxe de A, de acordo com a idade

Inquérito	Idade	MLU*	Enunciados [+V]**
A1	2;4:14	2,11	32%
A2	2;4:21	2,52	48%
A3	2;5:5	2,47	45%
A4	2;5:19	2,58	47%
A5	2;6:2	2,60	59%
A6	2;6:16	3,17	65%
A7	2;7:9	3,40	61%
A11	2;10:9	3,39	60%
A16	3;0:30	2,98	63%

\* Extensão média do enunciado (ver Simões (1997) para discussão dessa medida)

\*\* Percentual de verbos no total de enunciados válidos (para detalhes, Simões (1997))

## RESULTADOS

Inicialmente, apresentamos os dados de André em comparação com dados da aquisição de outras línguas. No gráfico 3, aparecem os dados de André (A) comparados aos de Adam (cf. Hyams e Wexler (1993) e Brown (1973)), menino adquirindo o inglês, cujo MLU é altamente semelhante ao de André na mesma fase observada. Dois fatos são importantes na observação do gráfico. Primeiro, há enorme semelhança percentual entre os dois meninos no uso de sujeitos nulos nessa fase do desenvolvimento. Além disso, o fato de que, enquanto em Adam o percentual baixa ao longo do desenvolvimento, na produção de André o mesmo não ocorre.

Gráfico 3  
Sujeito nulo na aquisição do inglês e do PB

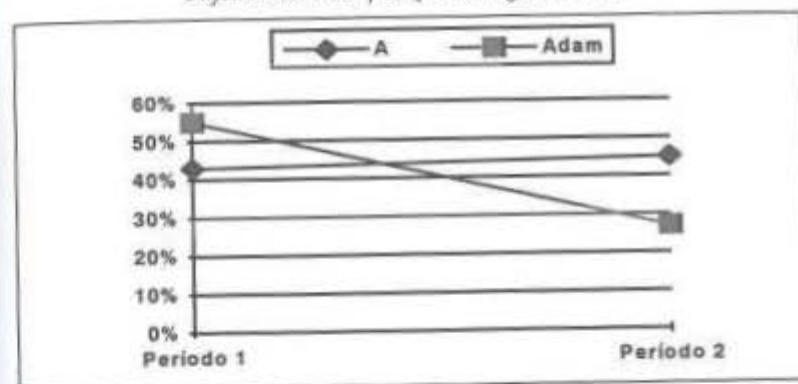
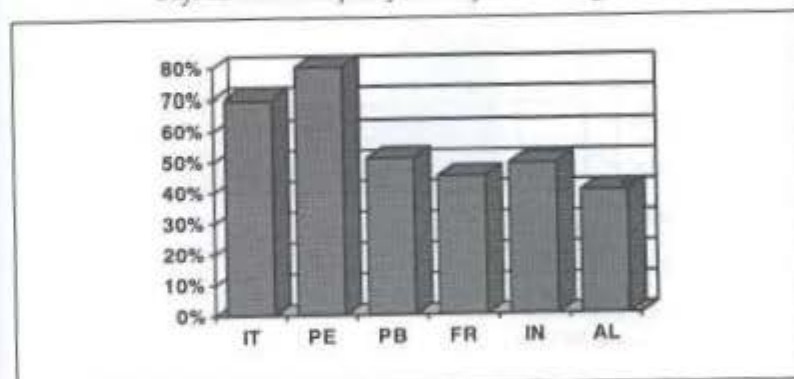


Gráfico 4  
Sujeito nulo na aquisição de diferentes línguas\*



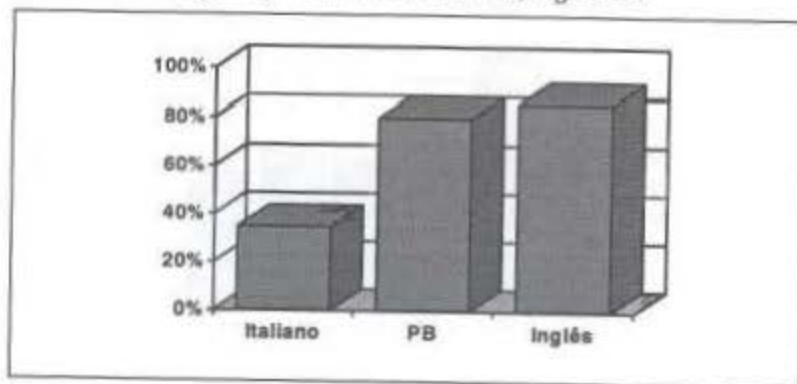
\* Os dados apresentados dizem respeito à aquisição do italiano, português europeu, português brasileiro, francês, inglês e alemão, respectivamente.

A semelhança percentual entre o inglês e o PB inicial fica mais uma vez confirmada na observação do gráfico 4. Nele, comparam-se os percentuais de nulos em diferentes línguas, em fases comparáveis do desenvolvimento (as crianças têm MLU ou proporção de enunciados com verbo semelhantes). Os dados são, na ordem de aparecimento no gráfico, do italiano, do português europeu, do português do Brasil, do francês, do inglês e do alemão (retirados de Valian (1991), Faria (1993), Simões (1997), Pierce (1992), Hyams

e Wexler (1993) e Clahsen (1989), respectivamente). Os agrupamentos colocam, de um lado, línguas de sujeito nulo típicas, nas quais os percentuais de nulos já são altos desde o início, de outro, línguas sem sujeito nulo ou de sujeito nulo atípico, com percentuais mais baixos de sujeito nulo em todos os casos.

Outra medida que aproxima o português do Brasil infantil e os dados do inglês, afastando essas duas línguas do italiano é uma medida tomada por Valian (1991) de sujeitos pronominais dentro do universo total de sujeitos expressos. A hipótese da autora é a de que, se a gramática em questão apresenta a opção *pro*, o uso de pronomes deve ser pouco freqüente, em virtude de a retomada anafórica poder ser feita através do pronome nulo. Essa hipótese fica confirmada nos dados do italiano. No inglês e, como demonstram os dados deste trabalho, no PB, não é esse o caso, dado que, como vemos no gráfico 5, os percentuais de pronomes são bastante altos.

Gráfico 5  
Sujeitos pronominais em italiano, inglês e PB



Quanto aos dados obtidos a fim de comparar os percentuais de André aos de Duarte (ver gráficos 1 e 2 acima), apresentamos duas medidas. Uma delas é a do total de sujeitos nulos ao longo da amostra, apresentada no gráfico 6. A outra, é o total de sujeitos nulos de André em cada uma das pessoas do discurso, apresentada no gráfico 7.

Gráfico 6  
Sujeitos nulos no universo de sujeitos pronominais nos dados de A

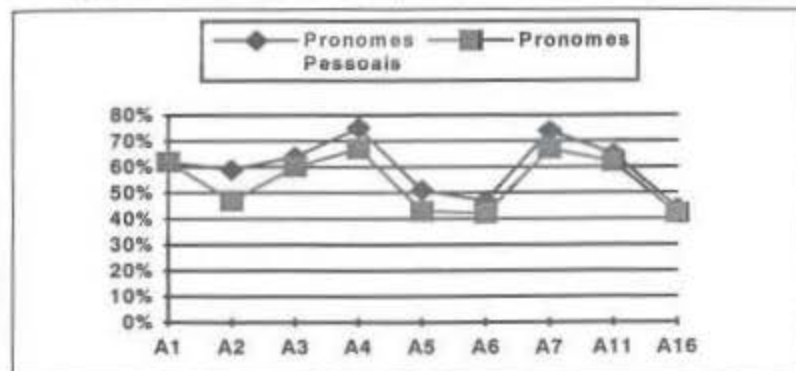
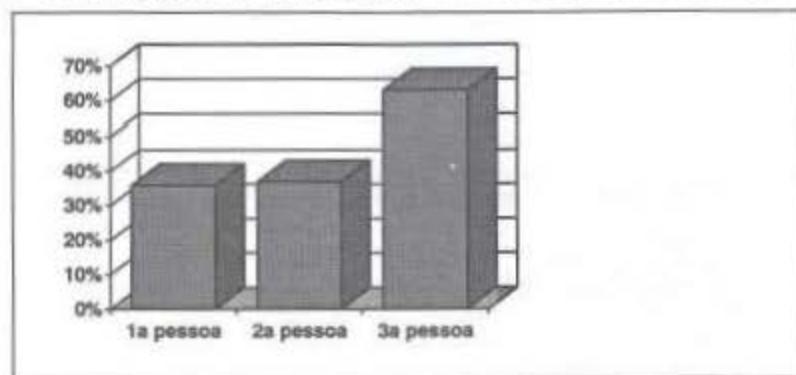


Gráfico 7  
Total de sujeitos nulos nas três pessoas do discurso, na amostra de A



No gráfico 6, duas medidas distintas são tomadas, correspondentes às duas linhas que aparecem no gráfico. Numa delas, seguem-se estritamente os critérios de Duarte e inclui-se na amostra apenas orações com pronomes pessoais, nulos e manifestos. Na outra, o uso de pronomes demonstrativos é também incluído na amostra. Essa medida parece refletir melhor o contraste verificado nos dados de André, nos quais o uso do pronome pessoal é quase categoricamente dêitico, alinhando-o ao uso de demonstrativos isolados.

Dois são os fatos a destacar com relação aos percentuais obtidos nesses gráficos. O primeiro diz respeito ao fato de os percentuais de sujeito nulo presentes na fala de André serem mais altos

do que aqueles evidenciados na pesquisa de Duarte (1995). Ou seja, quantitativamente, o uso de sujeitos nulos da criança observado é mais freqüente do que aquele dos adultos, nesta faixa etária. Em contraste com essa diferença, e esse fato fica evidenciado no gráfico 7, André distribui os nulos de maneira semelhante àquela do adulto já na faixa etária entre 2;4 e 3;0. Da mesma forma que no adulto, os nulos são mais livres na terceira pessoa do discurso do que nas demais.

Por fim, cumpre salientar que houve bastante variabilidade percentual entre um inquérito e outro da amostra, sem que haja, no entanto, qualquer sinal evidente de uma mudança gramatical refletida nesses percentuais. O percentual de nulos de André, tomando o conjunto da amostra e considerando todos os tipos de sujeito, foi de 51,2%. Não apresentamos os resultados quantitativos obtidos em contagem na qual se separam os contextos matriz com sistema CP não-preenchido daqueles contextos, matriz e encaixado, em que CP está preenchido devido ao número reduzido de sentenças em que há extração de elementos, bem como de sentenças encaixadas, em cada inquérito. Contudo, é importante registrar que o percentual de nulo em sentenças encaixadas e com [Spec,CP] preenchido, também tomando o conjunto da amostra e todos os tipos de sujeito, foi de 32,7%.\*

## DISCUSSÃO E DIREÇÕES PARA PESQUISA

Nossa interpretação dos dados aqui relatados é a de que desde as fases iniciais de aquisição da linguagem, a criança adquirindo o português do Brasil apresenta um uso de sujeito nulo restrito, da forma como se atesta no *input*. Vimos que a criança observada nesta pesquisa usa sujeitos nulos em 51,2% do total de ocorrências de enunciados não-imperativos com verbo em toda a amostra. Essa proporção total reflete de maneira aproximada as proporções encontradas em cada um dos inquéritos, sendo importante também o fato de que a proporção média de nulos, 46,2%, é ainda mais baixa do que aquela encontrada no conjunto dos dados. Vi-

\* Para detalhes acerca do uso de CP nos dados obtidos ver Simões, 1997. Nessa contagem foram excluídas todas as sentenças que correspondiam ao esquema X que *co* verbo, como no exemplo (i) a seguir, citado da amostra, devido a sua presença altamente repetitiva e ritualizada na fala de André. Considerando que na fala dos adultos esse tipo de "adoção" de uma construção não se faz notar, sua inclusão torna os percentuais aqui examinados pouco informativos.

(i) Eu que desliguei.

mos também que a distribuição de sujeitos nulos por pessoa do discurso é também semelhante à do adulto em termos qualitativos. Também é semelhante o achado de que os percentuais de sujeitos nulos são mais baixos em contextos nos quais há preenchimento do sistema CP. Ou seja, evidencia-se nessa queda percentual a operação de algum tipo de restrição ao sujeito nulo nesses tipos de sentença, restrição essa ausente nos dados de André desde o seu segundo ano de idade, para o caso de sentenças matriz de tipo declarativo, sem qualquer elemento focalizado ou topicalizado.

Além disso, a comparação dos dados quantitativos aqui obtidos com aqueles obtidos na pesquisa corrente sobre o parâmetro do sujeito nulo em diferentes línguas também alinha os dados do português brasileiro infantil com dados da aquisição de línguas nas quais a gramática da criança não reflete o perfil de línguas de sujeito nulo típicas, ainda que difira da aquisição de línguas em que não há sujeito nulo. Em línguas sem sujeito nulo, como o inglês, a partir de um certo ponto na aquisição há uma queda no uso de nulos pela criança, que por volta dos 2;6-3;0 de idade chega a menos de 10% dos sujeitos atestados. Assim, não parece que haja em nossos dados qualquer evidência em favor de uma refixação ou fixação tardia do parâmetro, tal como propõem Hyams (1986). As análises que interpretam os dados infantis como reflexo de estratégias restritas de engendramento de nulos diferentes de um *pro* localmente identificado, dentre as quais destacamos a proposta de Rizzi (1992), parecem mais produtivas no que toca a sua capacidade explanatória para a aquisição de diferentes línguas, altamente desejável em uma abordagem gerativista da aquisição.

Nossos dados quantitativos, contudo, não permitem que se sustente a hipótese de Rizzi para o PB dessa fase de aquisição (ainda que se abra a possibilidade de as restrições estabelecidas pelo autor estarem presentes em fases anteriores do PB infantil). Nos dados do inglês, o sujeito nulo é um fenômeno ausente dos contextos encaixados e de frases com extração. Esse não é o caso dos dados de André, nos quais tais contextos restringem mas não excluem a presença de sujeitos nulos. Assim, ainda que acreditemos haver evidências suficientes para sustentar que a gramática em análise nesta investigação não tem o parâmetro do sujeito nulo fixado em seu valor positivo tanto para a condição de licenciamento, quanto para a de identificação, temos razões para crer que nossos dados refletem uma gramática em que tal categoria vazia está disponível, porém de forma restrita. A análise qualitativa dos dados deverá ser decisiva para uma tal análise. De qualquer forma, nossa proposta é a de que a gramática dessa fase de aquisição já



exibe as restrições relativas a CP propostas em Figueiredo Silva (1996).

Entretanto, resta do panorama composto pelos dados percentuais aqui apresentados um problema a ser examinado por pesquisa empírica futura. Se, por um lado, é verdade que o número de sujeitos nulos no PB infantil mostra-se semelhante aos números de línguas sem sujeito nulo livremente distribuído, por outro, tal número é mais elevado do que aquele registrado para a produção espontânea de adultos falantes do PB. Em André, a distribuição de nulos por pessoa e por tipo de construção é comparável à do adulto e os números não são tão altos quanto aqueles do português europeu, por exemplo. Ao mesmo tempo, porém, os números não são tão restritos quanto os dos adultos.

Nossa hipótese quanto a essa questão é a de que tal diferença não se deve a diferenças sintáticas entre as gramáticas do adulto e da criança, mas às características discursivas da amostra obtida. Os inquéritos transcritos compõem-se exclusivamente de diálogos, em que o turno de fala da criança é curto e limita-se a responder a pergunta do adulto, ou de comentários também breves sobre a situação de brincadeira imediatamente reconhecível no contexto da conversação. Tais circunstâncias discursivas, em que não há fala encadeada e o referente do sujeito é prontamente reconhecível no discurso imediatamente precedente e/ou no contexto e em que estruturas complexas estão ausentes, são favorecedoras do uso de sujeito nulo, pois compõem-se exatamente do tipo de sentença em que os sujeitos nulos são gramaticais em PB.

Dessa forma, o conjunto de hipóteses que se pode tecer a partir de dados quantitativos com relação a esse problema deverá ser também examinado à luz de uma análise da sintaxe das diferentes sentenças em que os nulos ocorrem nos dados de André e de pesquisa quantitativa semelhante que tenha por base dados discursivamente distintos dos dados aqui estudados. Reservamos a apresentação de tais aspectos da investigação para outro momento, deixando pontuada aqui a indicação de que eles corroboram a interpretação aqui adotada, ou seja, a hipótese de que já aos 2;4 a criança adquirindo o PB apresenta as restrições do adulto com relação aos sujeitos nulos.

#### Referências bibliográficas

- ATKINSON, M. *Children's syntax: an introduction to Principles and Parameters Theory*. Oxford: Basil Blackwell, 1992.
- BLOOM, P. Subjectless sentences in child language. *Linguistic Inquiry*, v. 21, n. 4, p. 491-504, 1990.
- BROWN, R. *A first language: the early stages*. London: George Allen & Unwin, 1973.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. New York: Praeger, 1986.
- CLAHSEN, H. Creole genesis, the lexical learning hypothesis and the problem of development in language acquisition. In: PUTZ & DIRVEN (orgs.) *Wheels within wheels: papers of the Duisburg symposium on pidgin and creole languages*. Frankfurt: Peter Lang, 1989.
- DUARTE, M. E. Do pronomine nulo ao pronomine pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS & KATO (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p. 107-128.
- . *Brazilian portuguese and the null subject parameter: variation and syntax*. Trabalho apresentado no Nwave 24, Universidade da Philadelphia, Philadelphia, 12/15 out. 1995.
- FARIA, I. H. A aquisição da noção de "agente" e a produção de sujeitos sintáticos por crianças portuguesas até aos dois anos e meio. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, n. 10, p. 16-50, 1993.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito em português do Brasil: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.
- HAEGEMAN, L. Non-overt subjects in diary contexts. In: MASCARÓ & NESPOR (eds.) *Grammar in progress. GLOW essays for Henk van Riemsdijk*. Dordrecht: Foris, 1990. p. 165-182.
- HYAMS, N. *Language acquisition and the Theory of Parameters*. Dordrecht: Foris, 1986.
- , WEXLER. On the grammatical basis of null subjects in child language. *Linguistic Inquiry*, v. 24, n.3, p.421-459, 1993.
- PIERCE, A. *Language acquisition and syntactic theory: a comparative study of French and English child grammars*. Dordrecht: Kluwer, 1992.
- RADFORD, A. *Syntactic theory and the acquisition of English syntax*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- RIZZI, L. Null objects in Italian and the theory of pro. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 17, n. 3, p. 501-557, 1986.
- . Early null subjects and root null subjects. *Geneva Generative Papers*, Genebra, v. 0, n. 1-2, p. 102-114, 1992.
- . A parametric approach to comparative syntax: properties of the pronominal system. *English Linguistics*, Japan, v. 10, p. 1-27, 1993.
- SIMÕES, L. *Sujeito nulo na aquisição do português brasileiro: um estudo de caso*. Porto Alegre, 1997. Tese de Doutorado, PUCRS.
- VALIAN, V. Syntactic subjects in the early speech of American and Italian children. *Cognition*, Holanda, v. 40, n. 1-2, p. 21-81, 1991.